A coragem, a criança e o palhaço: epistemes

Marcelo Adriano Colavitto*

Verônica Regina Müller**

Elton Vinícius Sadao Tada***

Resumo

A criança e o palhaço são seres corajosos. Partindo de tal premissa, o texto pretende aproximar três conceitos a partir da especialidade de estudos de cada autor que o elabora. É, antes, um convite a cada um/a que venha com sua experiência reflexiva para que ao final seja oferecida uma análise relacional entre os conceitos trabalhados, de forma a servirem de inspiração e recurso teórico para o desenvolvimento de práticas educativas com os/as cidadãos/ãs crianças e palhaços/as.

Palavras-chave: criança; palhaço; coragem de ser.

Epistemes for Courage, Child, and Clown

Abstract

Child and clown are both beings of courage. Having the premise of the courage, this paper, as an invitation to the researchers, approaches three concepts from the field studies of each author – for each author may contribute with their own reflexive experience in a way that, at the end, a relational analysis of the concepts may be offered. By this task, the analysis can be an inspiration and a theoretical research to the development of educational practices with children and clowns citizens.

Key-words: Children; Clown; Courage to Be.

* Bacharel em Educação Artística e Licenciado em Artes Cênicas pela Universidade São Judas Tadeu. Especialista em Arte e Educação pela UNESP. Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Maringá.

** Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestrado em Educação pela PUC-RS. Doutorado e pós-doutorado em História da Educação Social Contemporânea pela Universidad de Barcelona

*** Bacharel em Teologia e Licenciado em Filosofia. Mestre e Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Pós doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo sob supervisão do Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza.

Introdução

A criança e o palhaço são seres corajosos. Arrancando de tal posição, o texto traz três autores especialistas em áreas distintas para aproximar conceitos, com o intuito de estabelecer fundamentos sólidos para o amparo de práticas educacionais que contemplem o ensino da coragem a crianças e palhaços, sendo eles /as próprios/as as principais inspirações. Elton Tada¹ desenvolve as ilações sobre a coragem, Verônica Müller² sobre as crianças e Marcelo Colavitto³ nos brinda conhecimento sobre palhaços. No final, os três conteúdos se encontram em uma produção coletiva, em uma espécie de picadeiro epistêmico, onde a coreografia conceitual pretende ser harmônica e cheia de sentidos para a edificação humana e social.

O que é a coragem

Paul Tillich trabalhou com a temática da coragem especialmente nos últimos anos de sua produção. O seu livro *A coragem de ser*, traça um percurso de análise da Coragem em seu sentido mais amplo e também de sua aplicação no contexto da Ontologia. Do ponto de vista existencial, a coragem é um elemento que se relaciona constantemente com aspectos da vida.

Primeiramente, a coragem pertence a uma realidade ética. Bem no início de seu livro *A coragem de ser*, Tillich aponta que apesar da coragem ter uma realidade ética, ela deve ser abordada do ponto de vista ontológico, para que sua compreensão seja possível. A coragem está no âmbito da ética porque é ligada a uma atitude, entretanto essa atitude precisa ser compreendida a partir de sua raiz, a raiz da própria existência humana (TILLICH, 2000, p.1).

Tillich define a coragem passeando pela história do pensamento ocidental. Passa por Platão, Tomás de Aquino, os estoicos, chegando até Espinosa e Nietzsche. Com isso estabelece diversas conexões. O interessante é notar que apesar de todos os capítulos do livro serem dedicados à análise da coragem, o capítulo 2 se atenta ao tema da ansiedade.

¹ Elton Tada vem desenvolvendo estudos sobre a criança latinoamericana a partir de ponto de vista hermenêutico, tendo como base a filosofia da existência.

² Verônica Müller tem estudado sobre a infância e a educação social, nos âmbitos da história, cultura, política, direitos, ontologia, outros.

³ Marcelo Colavitto tem desenvolvido sua pesquisa sobre infância e palhaçaria do âmbito do grupo Teatral Meu Clown e em intervenções em contexto de educação social.

A ansiedade, em Tillich, não está no campo da preocupação terapêutica psicológica⁴. O que o autor busca fazer é uma ontologia da ansiedade. Isso acontece principalmente por causa da preocupação ontológica com o não-ser. Para Tillich, “Ansiedade é o estado no qual um ser toma consciência da possibilidade de não-ser” (TILLICH, 2000, p.35). Nesse sentido, a ansiedade se torna uma questão central do problema existencial. Ser é uma atitude de auto-afirmação. Tal afirmação é necessária justamente porque existe uma ameaça constante. A ameaça que o ser sofre pelo não-ser é a marca fundamental de uma existência que possui consciência de seu próprio estado de finitude.

A finitude pode ser confundida com a morte. Mas, do ponto de vista existencial, a morte é apenas uma das marcas da finitude. A morte é o evento que marca a história humana como momento da passagem do ser ao não-ser, mas não é a finitude em si própria, bem como não é o próprio não-ser. Mesmo assim, do ponto de vista simbólico, a morte pode ser um elemento bastante útil para a compreensão da coragem.

Tillich aponta duas possibilidades básicas da compreensão de coragem na história do pensamento ocidental. A primeira é a coragem que parte de Platão, passa por Aristóteles e vai até Tomás de Aquino. Essa coragem é chamada na *República* de Platão de *Thymós*, e em termos resumidos, estaria relacionada à coragem do guerreiro, da luta, do enfrentamento (TILLICH, 2000, p.5). A segunda possibilidade de coragem é a coragem estoica. Na leitura tillichiana, os estoicos relacionam a coragem com a sabedoria. Seria, nesse sentido, uma coragem de viver e morrer, uma atitude de compreensão e aceitação da dualidade do viver e morrer. Portanto, a noção estoica de coragem estaria muito mais próxima ou alinhada com a ideia de coragem de ser (TILLICH, 2000, p.12).

Visto o sentido geral da coragem, podemos agora passar para uma análise dedicada à coragem de ser, ou seja, à aplicação ontológica da coragem. Na metafísica clássica, a percepção ontológica fundamental é ao mesmo tempo positiva e isolada. Ou seja, o ser se afirma sobre o não-ser e o faz desde um ponto de vista exclusivamente metafísico. Já na reflexão existencial tillichiana, que fazemos a partir da coragem de ser, a ontologia é ambígua e relacionada com a ética.

⁴ O autor fala da ansiedade patológica e possui amplo diálogo com a psicanálise, especialmente com a corrente de pensamento conhecida como *deep psychology*. Entretanto, esta não é a preocupação central no autor.

A coragem de ser é uma coragem “apesar de”. Ou seja, ao invés de afastar a ameaça do não-ser, negar a ansiedade da finitude, os medos e incertezas da vida, a coragem de ser abraça a ambiguidade da existência, afirmando-a apesar de todas as forças contrárias à afirmação do ser. Portanto, a coragem de ser é basicamente a coragem de afirmação do ser diante de todas as forças do não-ser que participam da existência em formato de ameaça. Não se trata, portanto, de negá-las, mas, de afirmar a existência contando com a presença dessas forças, trazendo à consciência e à atitude ética a presença do não-ser.

Tillich apresenta algumas aplicações da coragem de ser. Essas possibilidades de aplicação partem do princípio ontológico fundamental: o indivíduo se afirma existencialmente para si mesmo e para o mundo do qual participa. Nesses termos, existe a dualidade entre o que é individual e o que é coletivo (TILLICH, 2000, p.86). Assim, Tillich aplica a coragem de ser como nos dois âmbitos, a coragem de ser como parte e a coragem de ser como si mesmo, compondo a coragem da individualidade e a coragem da coletividade.

A coragem da coletividade é aquela na qual o ser se afirma ante um coletivo, como participante do coletivo. Assim, a afirmação do indivíduo é também a afirmação do grupo do qual participa. Tillich divide manifestações do coletivismo na história, afirmando, por exemplo um semi-coletivismo constante no feudalismo medieval. Para nossos dias, talvez os melhores exemplos sejam aqueles do neo-coletivismo. O autor aponta o fascismo, o nazismo e o comunismo como exemplos do neo-coletivismo. No nazismo, por exemplo, Tillich aponta a presença de um retorno ao coletivismo tribal a partir da ideia de *Volksgeist*, ou seja do Espírito popular ou Espírito nacional (TILLICH, 2000, p.97). Essa ideia de espírito nacional serviu como base para a força da afirmação do indivíduo como parte de um plano, de uma força maior à qual deveria se dedicar, pois a afirmação da força do coletivo daria sentido para a existência do indivíduo. Gosto de exemplificar de forma ainda mais acessível. Algumas pessoas são extremamente fiéis a um time de futebol porque quando vão ao estádio e cantam as palavras de ordem em uma só voz, experimentam uma potência de ser muito maior do que aquela que experimentam em seu cotidiano. Assim, as conquistas do time são transferidas para a vida de cada indivíduo que participa daquele

coletivo. Esse exemplo não serve para todos os casos, mas, serve para desenhar uma caricatura útil do ponto de vista didático.

O outro polo da coragem é a coragem de ser como si mesmo, a coragem individual. Tillich identifica a presença deste tipo de manifestação mais no mundo moderno, no iluminismo, no romantismo, no naturalismo e todos esses movimentos que, de certo modo, preparam o ser humano para o existencialismo. Entretanto, o autor acaba dando maior atenção não para o existencialismo como movimento, mas, para as atitudes existenciais, que perpassam movimentos e se aplicam nas artes, na literatura, na poesia e na filosofia como auto-afirmação do indivíduo apesar dos medos e da ansiedade da vida (TILLICH, 2000, p.125). Tillich afirma que “quando Kierkegaard rompeu com o sistema de essências de Hegel ele fez duas coisas: proclamou uma atitude existencial e instigou uma filosofia da existência” (TILLICH, 2000, p.125).

A filosofia da existência, feita a partir de uma atitude existencial, permite que o indivíduo lide com as ambiguidades da existência, afirmando-se apesar de todos os predicados da vida. Para os objetivos do presente artigo, não seguiremos para os momentos em que Tillich desenvolve sua reflexão sobre as relações entre coragem e transcendência, pois a coragem de ser como parte e a coragem de ser como si mesmo já apresentam conteúdo suficiente para uma reflexão sobre os atos de coragem tanto da criança quanto do palhaço.

A criança e o palhaço possuem particularidades que nos permitem questionar como funcionam suas estruturas de afirmação existencial. São essas questões que ligam os temas propostos no presente artigo e que nos permitem refletir também com uma atitude existencial, com a coragem que a crítica pressupõe e afirma.

O que é uma criança

A criança, por muito que se estude, segue sendo um mistério para os adultos. Existe uma dificuldade fundamental sobre conhecer mais sobre a criança em diferentes tempos e lugares, que é a de que a própria criança não registra sistematicamente sua história e depende, portanto, de adultos para essa função. No Brasil, somente no início do século 21 passou-se a conviver com obras específicas da história da infância, já admitindo-se que crianças e infâncias são conceitos diferentes: criança

é o ser geracional de pouca idade, a pessoa concreta. Já a infância é um conceito criado pelos adultos como referência a esse grupo geracional.

A vida de cada criança será mais marcada ou menos, dependendo das interseccionalidades entre idades, classe social, grau de instrução dos responsáveis, lugar onde vive, etnia, saúde, cultura do ambiente, gênero, funcionalidades corporais, direitos fundamentais e sociais atendidos. No Brasil, precisamos conhecer muito mais sobre a história da infância antes da chegada dos portugueses em 1500. Já sabemos que depois disso, por influência dos poderes europeus, crianças indígenas, negras e brancas, viviam de forma desigual, sob diferentes determinações e, por ende, com discrepantes perspectivas de futuro.

O conjunto das circunstâncias da materialidade da vida vai determinando as infâncias. Por exemplo, uma criança branca não era vendida e separada de sua mãe como era a negra.

ANÚNCIO PUBLICADO NO CORREIO PAULISTANO
EM 5 DE JULHO DE 1862. CRÉDITO: REPRODUÇÃO

<https://www.vice.com/pt/article/8x53y3/revisitando-anuncios-de-escravos-do-seculo-19>

Apesar das infâncias conjunturais diferenciadas, detectam-se na atualidade aspectos que são atinentes a todas as crianças no continente americano. Vamos comentar dois deles. O primeiro é quanto às democracias dos sistemas nas Américas. Elas se estabelecem na prática com um sistema que exclui as crianças de sua participação política.

O mundo considerado civilizado é o gerontocrático (Dussel, 1980), onde a hierarquia do poder superior do mais velho está instalada, e, onde, a democracia apresenta, portanto, níveis de participação muito desiguais para pessoas de gerações diferentes. A concepção de infância que ancora tal constituição da vida, é a de que a criança ainda não tem condições de opinar, ainda não pensa direito, ainda não sabe o que diz. Contribui para tal entendimento a definição do grupo geracional dos pequeninos que recebeu dos adultos na Modernidade européia (concepção trazida para o Brasil) a definição de infantes - o que não fala. A infantaria do exército e a infância têm a mesma origem: devem calar-se e obedecer.

O segundo aspecto é sobre a ontologia da criança. É um esforço de reconhecimento das características do ser humano criança que se repete em todas as crianças, independentemente das seccionalidades, ou seja, queremos observar o que faz com que possamos dizer que o ser que vemos na China, no Brasil, ou em qualquer outro lugar, é uma criança. A marca inicial é a idade. São as pessoas que têm pouca idade. Mas, além disso, o que poderíamos dizer que elas têm em comum?

Para que a infância seja cada vez mais visibilizada nas políticas de forma geral, é necessário que se saiba quem são as crianças. O quadro abaixo foi retirado do texto *Niñas/os y Adultas/os: ventanas y curvas epistémicas hacia la educación social* (Müller, 2021), onde foi citado pela primeira vez e aqui já está aprimorado com novas categorias. Não pretende ser definitivo, e sim, servir de referência para que, quando um adulto leia o quadro, reconheça essas características ao recordar das crianças que conhece.

Tabela 1. NATUREZA DAS CRIANÇAS

AS CRIANÇAS SÃO SERES

De relação, de crescimento, de movimento, de sensações, de sentimentos, de sensibilidade, de intelecto, de necessidades e de vontades. Nascem com a potencialidade de desenvolvimento de linguagem, de Educação⁵, de cultura⁶, de ética, de política⁷, de espiritualidade e tudo isso vai se constituindo ao mesmo tempo desde muito cedo.

BUSCAM

Prazer /Liberdade ⁸

Relações

COMPORTAMENTO

São crédulas

São fantasiosas⁹

São ensinantes¹⁰

São aprendizes

São autênticas

São corajosas¹¹

São persistentes

São curiosas

São tentadores de possibilidades

São intensxs

São simples

São movidas

São pensadoras

São francas

São inventivas

São amigxs

São recorrentes

Não são definitivas

São seres de tempo presente

Convivem com o devir

São livres

⁵ Para saber mais ler Núñez, Violeta (1999)

⁶ Huizinga (2020)

⁷ Para saber mais ler: Rodrigues (2014)

⁸ Para saber mais ler: Colavitto (2017)

⁹ Ídem Colavitto (2017)

¹⁰ Para saber mais ler Marchi ; Müller (2020)

¹¹ Para saber mais ler: Tada ; Müller 2020

<p>GOSTAM</p> <p>de rir de inventar de participar de pensar do silêncio de desafio¹² de brincar, jogar de estar com amigxs de estar com gentes, animais, natureza de ser elogiadas de ser acolhidas de opinar de rotina de novidade de misterio do resultado conhecido de aprender de ensinar de repetir de mover o corpo de compartilhar emoções, conhecimentos de resolver problemas de acertar de colaborar de testar-se de tocar de ganhar de conquistar de estar segurxs de algumas regras¹³ A liberdade</p>	<p>ATIVIDADES que apreciam</p> <p>Festa Passeio Música Dança Pintura Historias Magia Jogos Tocar instrumentos Teatro Fantasias Balanço Aventuras</p> <p>COM QUEM e COM QUE</p> <p>Com animais Com pessoas Com a natureza Sozinhos Com e sem materiais</p> <p>ONDE</p> <p>Espaços amplos sem nada e também com equipamentos Casas de familiares Calçadas Ruas Praças Instituições Própria casa Próximo de e em árvores Parques Lugares de sempre e lugares novos</p> <p>EM QUE TEMPO</p> <p>Presente¹⁴ Devir¹⁵</p>
--	---

¹² Idem Colavitto 2017

¹³ Para saber mais ler Müller y Rodríguez (2002)

¹⁴ Idem Muller e Rodrigues

¹⁵ Idem Colavitto 2017

QUEREM

Receber e dar carinho
Atenção
Compreender
Desfrutar
Participar
Aprender
Liberdade
Mover-se
Relacionar-se
Compartilhar emoções e aprendizagens

COMO SE COMUNICAM

Com todos os sentidos e partes do corpo principalmente por meio de uma linguagem lúdica

COMO GUARDAM AS MEMÓRIAS

Pelo sentimento¹⁶

*Sempre se manifestarão assim desde que tenham adequadas condições de sono, alimentação, habitação, afeto, segurança, cuidados, liberdade, dignidade, condições físicas, neuro e psicológicas. Autora: Verônica R. Müller.

Estas são propriedades comuns entre as crianças, mas existe ainda outra questão a ser resolvida. A criança de dois anos, por exemplo, é diferente da de oito anos, e as duas são crianças. Se poderia dizer que todas estão contidas nas características apresentadas na sistematização acima? Dizemos que sim, partindo da prévia posição de que a criança é um sendo. Vai desenvolvendo todas as qualidades e aumentando seu repertório com o tempo de vida. A criança pode então ser compreendida pelo seguinte viés: existe uma primeira etapa da vida caracterizada como de *ação para a satisfação de necessidades* (quando a criança ainda não tem nenhuma expressão da linguagem relacionada a símbolos); uma segunda, que chamamos de *ação pelo que importa* (quando por exemplo, a criança com quase dois aninhos já sabe o que é tomar banho

¹⁶ Para saber mais ler Abib (2018).

e ao ser convidada a ir, mesmo vendo-se bem suja, chora para não ir, porque quer continuar brincando). E a terceira etapa, que chamamos de *ação pelo que tem sentido* (quando a criança já reconhece, avalia situações e escolhe o que fazer por sua justificativa, mas é fortemente impulsionada ainda pela vontade e também pela fantasia). Por exemplo, vou brincar de quebra-cabeças agora porque meu irmãozinho está dormindo e não vai me atrapalhar. Aproveito e me escondo para que o lobo não me pegue. Essa etapa vai ficando com o avanço da idade, cada vez menos constituída de fantasia e vontade, sendo mais povoada pela racionalidade intelectual estimulada pela cultura.

O que é um palhaço

O palhaço é uma figura popular que aparece em diversas civilizações e em diversos contextos e períodos históricos. Inclusive naquelas que nunca tiveram contato entre si, levando-nos a inferir que tal arquétipo faz parte do inconsciente coletivo da humanidade por alguma razão cultural e/ou social. Apresenta-se, portanto, como uma figura necessária.

O riso se apresenta como uma necessidade humana de promover alívio cômico estético para as agruras impostas pelas vicissitudes da vida cotidiana. E como afirma Bergson (2007), só rimos daquilo que faz alusão ao ser humano, daí o fato do palhaço tornar-se o pretexto de referência humana para provocar o riso dentro de um contexto estético, ou seja, pela comicidade provocada por uma intenção artística e cultural.

Desde os bufões medievais até os *clowns* dos cabarés europeus e do cinema do início do século XX (Charlie Chaplin, Buster Keaton, o Gordo e o Magro etc.) a comicidade cênica povoa o imaginário popular partindo da figura humana e seus erros e defeitos, até mesmo os mais derrisórios, para, de alguma forma, expurgar as tensões cotidianas, aliviando as angústias e promovendo algum divertimento capaz de tornar a vida dos seres humanos neste mundo turbulento, um pouco mais suportável.

Os artistas que se dispõem a se deixarem ver enquanto representam esses personagens ridículos, ou seja, risíveis, precisam de uma grande dose de coragem, pois se permitem ser objeto do riso ao revelarem a fragilidade humana por meio de sua própria auto-exposição. Aliás, mais do que um personagem, o palhaço pessoal de cada artista

é um estado do ser, no qual este se confronta com suas contradições, suas fragilidades e a poesia do cotidiano. Aqui chamamos este estado de “estado de infância”.

Não raro os artistas são confundidos com seu alter ego de palhaço ou da figura cômica que encarnam durante sua apresentação pública. Os próprios bufões medievais exerciam a função de divertir irreverentemente os soberanos e seus séquitos em tempo integral. O ator que se predispõe a atuar como bufão precisa ter a coragem de “ser de fato”, e no caso dessa figura que tem características estéticas grotescas (Bakhtin, 2010), precisa ter a coragem de profanar o que é considerado sagrado para, de alguma forma, denunciar a ordem vigente e subvertê-la em favor dos menos favorecidos e dos oprimidos, dos quais partilham as agruras. Para ser bufão, um dos ancestrais de uma ramificação rizomática dessa figura híbrida e de características múltiplas (Castro, 2019) que é o palhaço tal qual o conhecemos, é preciso não ter medo de blasfemar contra o nosso mundo injusto.

Impossível não relacionar a blasfêmia com a profanação vista por Agambem, no Elogio à Profanação. Pelo menos duas ideias estão entrelaçadas: a de que devemos preservar a capacidade de jogar e amar a infância, além de que devemos praticar a profanação, mas num mundo em que tudo é negociado, o que profanar (LOPES in BRAGA & TONEZZI, 2017, p. 23)?

Saber o que se deve profanar também exige compromisso com um tipo de ética que de alguma forma se pretende universal. Denunciar a ordem vigente requer um olhar apurado, pois, “chutar a bunda do mendigo” é fácil, a façanha está “em passar a mão na bunda do guarda”. Isso sim exige coragem! Este é um ato de grande subversão, de profanação da ordem. O ato irreverente, digno da figura do palhaço, é justamente atravessar a fronteira proibida das convenções e demonstrar, por meio do riso, que o medo é uma ilusão e que o estabelecido não é verdade absoluta.

O papel social do palhaço vai além de provocar a risada por meio de uma comicidade que reforça o status quo do sistema vigente, que hegemonicamente reproduz injustiças e desigualdades que perpetuam o sofrimento de um grupo historicamente desprivilegiado. O palhaço, pra merecer esse título, precisa ser autenticamente um representante dos

marginalizados. Ele é considerado o mais nú dos artistas, por não ter o pudor que teima em esconder as mazelas da humanidade. Denunciá-las é sua missão e fazê-lo com humor é indispensável para que o riso provocado por ele faça sentido.

O bom palhaço é aquele que é capaz de rir de si mesmo. Ele não faz graça, simplesmente é engraçado por ser autêntico. Ao demonstrar suas fragilidades, desperta compaixão e gera identificação com sua audiência. Ele é capaz de transformar o derrisório em êxito, a “merda” em húmus e assim adubar a terra com a sua entrega generosa em forma de humor. E como diz João Artigos¹⁷, o palhaço faz do humor o húmus que transforma a humanidade em fruto da terra, capaz de alimentar com sonhos e esperanças a subjetividade de todos e todas com quem compartilha a sua graça.

A criança e o palhaço são seres corajosos

O conceito de estado de infância (Colavitto, 2019) propõe características ontológicas convergentes ao ser/existir da criança e ao ser/expressar-se da figura cênica do palhaço. Ambos “são” no e com o mundo (FREIRE, 2010) por meio da experiência colhida em suas existências: a criança para si mesma (essência da experiência vivida em sua infância) e o palhaço para o outro (expressão estética a partir de si).

O termo estado, segundo Bergson (2011), está relacionado com as faculdades humanas (cognitivas, sensoriais e emocionais) que se mobilizam para um foco específico, condensando uma experiência que se dá no agora, ou seja, no presente. Esse presente é permeado de profunda percepção do devir, uma das características ontológicas que compõem ambos sujeitos dessa proposição. A criança e o palhaço se caracterizam como agentes do gerúndio, ou seja, um presente que não é estático, mas, em constante movimento, que está sendo. Essa é uma marca da atitude existencial, como vimos na ideia tillichiana da coragem de ser.

Também ambos possuem a característica relacional de buscar sempre a interatividade com seu meio e com seus pares e interlocutores. Para a criança, a interação é fundamental ao seu desenvolvimento. Já

¹⁷ Artista e palhaço, fundador do grupo teatral: Teatro do Anônimo do Rio de Janeiro e um dos organizadores do evento que promove periodicamente o encontro de artistas circenses - Anjos do Picadeiro.

para o palhaço, interagir é vital para se criar cumplicidade com sua audiência, aspecto indispensável para a garantia do sucesso de sua performance enquanto artista cênico. Ele vive e se renova esteticamente, assegurando o frescor de sua apresentação, quando está apto a improvisar, e para isso é necessário o contato autêntico com sua audiência em tempo presente. Nesse aspecto encontra-se a dualidade entre a coragem de ser como si próprio e coragem de ser como parte, ou seja, a relação entre o âmbito individual e coletivo da existência.

Outra característica ontológica observada em ambos é que o devaneio faz parte de seus modos de apreender o ambiente e seus fenômenos e, ao absorvê-los, apresentar respostas criativas, capazes de solucionar problemas e imprimir sentido poético à experiência da existência humana no mundo. A poiesis que dá sentido subjetivo à existência só ganha potência por meio da capacidade de devanear. O reino da fantasia é o locus da criatividade infantil que também permeia o universo estético e expressivo do palhaço.

E como característica convergente, encontrada tanto na infância quanto na forma de ser e agir dos palhaços, temos a ludicidade, linguagem relacional que reforça a percepção do momento presente e que aciona a imaginação e criatividade para solucionar as questões propostas nas atividades lúdicas.

Jogar/brincar potencializam a experiência humana, gerando sentido à existência por serem capazes de proporcionar prazer (físico, emocional, cognitivo e estético) e também exercitar um estado de grande liberdade, pois só é possível jogar quando se está livre para tomar as decisões, que independentemente e por causa das regras, precisam ser tomadas por sujeitos necessariamente livres.

Um jogo, seja ele inofensivo ao jogador, seja algo capaz de provocar algum risco, apresenta-se como um desafio a ser superado. Ludicamente há sempre algo “em jogo” (HUIZINGA, 2020) de modo que a sua superação exige uma atitude que pressupõe coragem daquele que se arrisca, pois toda superação proporciona a possibilidade de se atingir a satisfação da conquista.

O desafio é pleno de sentido lúdico, tanto para o palhaço como para as crianças. Ele gera uma sensação de liberdade em se arriscar e ultrapassar os limites impostos por normativas sociais ou por risco

autêntico de sofrer algum tipo de trauma ou até risco de morte. “A essência do espírito lúdico é ousar, correr riscos, suportar a incerteza e a tensão” (HUIZINGA, 2020, p. 59). Para enfrentar o medo de correr riscos é necessário coragem.

O artista que se predispõe a se expressar cenicamente, por meio da figura do palhaço, necessita coragem para se deixar ver como um sujeito passível de fraquezas, típicas de sua condição humana. E essas fraquezas, em muitos aspectos, são consideradas características típicas da condição infantil pois, segundo Freud (2017, p. 318) “poderíamos dizer que eu rio a cada vez de uma diferença de gasto (psíquico), entre mim e o outro, quando reencontro a criança no outro”. Podemos inferir que para o autor, quando a audiência de um espetáculo com palhaços ri, é como se recuperasse o riso infantil perdido, que se torna um substituto para o senso cômico do adulto. Nesse caso, a comparação completa que conduz ao cômico seria: “Ele faz assim; eu faço de outro modo; ele faz como eu fazia quando criança” (FREUD, 2017, p. 318).

Desse modo, o artista/palhaço, precisa ter a coragem de resgatar a inocência infantil, após a experiência da vida adulta, tornando-se objeto do riso, utilizando essa condição para se tornar ridículo, isto é, risível. O material cômico do artista/palhaço está na sua própria existência. O risco real é se mostrar fora dos padrões estabelecidos pelas convenções sociais que invariavelmente esperam um comportamento coerente com os padrões estabelecidos. É preciso ter coragem para subverter os padrões, e o palhaço só cumpre sua função estética agindo com irreverência e subversão.

Já a criança demonstra a necessidade latente de experimentar o mundo. Podemos constatar por meio da percepção que se apresenta nos chamados períodos sensíveis (MONTESSORI, 2017), que contribuem para que os pequenos sejam atraídos a experiências em diversos âmbitos, para responder à sensibilidade, aos estímulos do ambiente. Isso nos leva a afirmar que experimentar limites faz parte da constituição do ser criança.

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-europeia é *per*, com a qual

se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, e secundariamente a ideia de prova. Em grego há numerosos derivados dessa raiz que marcam a travessia, o percorrido, a passagem: *peirô*, atravessar; *pera*, mais além; *peraô*, passar através, *peiranô*, ir até o fim; *peras*, limite. Em nossas línguas há uma bela palavra que tem esse per grego de travessia: a palavra *peiratês*, pirata. Experiência é *Erfahrung*, que contém o *fahrende* viajar. E do artigo alto-alemão *fara* também deriva *Gefahr*, perigo, e *gefahrden*, pôr em perigo. Tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo (BENJAMIM Apud MARTINS, PEREIRA, 2014, p. 299).

Na lógica da atuação de cada palhaço, também há uma característica agonística (HUIZINGA, 2020) em que eclodem frequentes disputas entre os *clowns*. Os brancos¹⁸ querem se impor como autoridade aos augustos¹⁹, estes, por sua vez, utilizam diversas artimanhas, sempre na intenção de fugir da repressão imposta pelo seu parceiro da dupla cômica. Nas apresentações cênicas, por meio das entradas²⁰ do *clown*, a complexidade do mundo moderno também se configura como um desafio ao palhaço em cada situação apresentada, pois faz parte de sua performance cômica a contestação sempre irreverente das normas vigentes.

O palhaço procura experimentar soluções para ultrapassar as dificuldades e obstáculos que surgem. Claro que de maneira controlada, em forma de *poiesis* da ação, o que gera um resultado cênico, com qualidade estética capaz de agradar a plateia. A criança já encara os desafios por uma necessidade interna de testar e experimentar o mundo. Conhecer seus limites e desenvolver sua autoconfiança (COLAVITTO, 2019, p. 153).

¹⁸ É chamado de branco o palhaço que, na tradição circense, se apresenta como uma figura com certa autoridade na dupla cômica (branco e augusto), comumente formada por artistas que trabalham com palhaçaria. Ele encarna a figura do patrão, daquele que comanda e oprime.

¹⁹ O augusto é o palhaço mais “idiota” da dupla. Mais ingênuo, “simboliza o mundo infantil, com toda a sua anarquia e liberdade” (CASTRO, 2018, p. 30).

²⁰ As apresentações cênicas de palhaçaria recebem o nome tradicional de “entradas”, caracterizando o momento que os palhaços adentravam ao picadeiro para realizarem seus números cômicos, nos entreatos das apresentações acrobáticas ou de habilidades físicas dos artistas circenses, como uma forma de aliviar a tensão causada pelos números que utilizam habilidades geradoras de algum risco físico, tais como o globo da morte ou números de trapézio.

Por meio de suas características ontológicas, balizadas pelo conceito de “estado de infância”, podemos afirmar que “a criança e o palhaço são atraídos para o que os desafia. Os limites são testados e sua atividade no mundo se caracteriza por enfrentarem os riscos e colherem dessa experiência, material para se desenvolverem plenos em seus modos de ser e estar no mundo” (Idem). O desafio e a coragem para enfrentá-lo se configuram como o exercício máximo da liberdade!

A liberdade, por fim, é o produto da coragem de ser criança e palhaço que se revelam no mundo como portadores de uma existência ambígua, mas, que é aceita e vivida em sua ambiguidade. Assim, as características ontológicas aqui levantadas não são meras coincidências, mas, resultados compreendidos e compreensíveis a partir de uma hermenêutica que leva em conta a amplitude da coragem de ser.

Referências

- ABIB, J.A. **Livro de Quasnada**. CRV: Curitiba, 2018.
- ARRUDA, F. M. **A cidade pensada pelas crianças**: conceitos e ações políticas para a consolidação da participação infantil. (Mestrado em Educação), Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BRAGA, Bya & TONEZZI, José. **O bufão e suas artes**: artesanias, disfunção e soberania. Jundiá, SP: Paco, 2017.
- CASTRO, Lili. **Palhaços**: Multiplicidade, performance e hibridismo. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.
- COLAVITTO, M. A. **Estado de infância**: a poiesis na arte da palhaçaria. (Doutorado em Educação), Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2019.
- DUSSEL, E. **La pedagogia latinoamericana**. Bogotá: Nueva America, 1980.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas**, volume 7: o chiste e sua relação com o inconsciente. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- HUIZINGA, J. **Homo ludens**. São Paulo: Editora Perspectiva SA., 2020.
- MAGER, M. et al. **Práticas com crianças, adolescentes e jovens**: pensamentos decantados. Maringá: EDUEM, 2011.
- MONTESSORI, Maria. **A descoberta da criança**: pedagogia científica. Campinas/SP: Kíron, 2017.

MARCHI, J. & MÜLLER, V. R. **“Faz Assim Ó”** - Modos de Ensinar das Crianças como Subsídio para a Educação. Maringá; Editora Appris, 2020.

MÜLLER, V. R. & RODRÍGUEZ, P. C. **Reflexões de quem navega na Educação Social:** Uma viagem com crianças e adolescentes. Maringá: Clichetec, 2002.

MÜLLER, V.R. Niñas/os y Adultas/os: ventanas y curvas epistémicas hacia la educación social. In: **Infancias críticas y diversidad cultural:** retos para la educación. Santiago de Chile: Editorial CELEI (no prelo em 2021).

NATALI, P. M. **Formação Profissional na Educação Social:** Subsídios a Partir de Experiências de Educadores Sociais Latino Americanas. (Doutorado em Educação), Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2016.

NÚÑEZ, V. **Los juegos artesanos de la educación social:** transgresión, bricolaje, postproducción. Barcelona: Editorial UOC, 2016.

PEREIRA, R. C. **A cidade que foi salva pelas crianças:** prática teatral com crianças e adolescentes com direitos violados. (Mestrado em Educação), Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2018.

RODRIGUES, P. C. **Participação política de meninos e meninas:** expedições de experiências e reflexões em curso. (Mestrado em Educação), Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2014.

SANTOS, B. S. & MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Editora Cortez, 2010.

TADA, E. V. S. & MULLER, V. R. **A infância e a coragem de ser:** o que não está no diálogo entre Carl Rogers e Paul Tillich. São Bernardo do Campo: Revista eletrônica Correlatio v.19, n.1. 2020.

TILLICH, P. **The Courage to Be.** 2nd ed. New Haven & London: Yale: 2000.

TOMAS, C. A. **Há muitos mundos no mundo...direitos das crianças, cosmopolitismo infantil movimentos sociais de crianças:** diálogos entre crianças de Portugal e Brasil. (Doutorado em Estudos da Criança), Braga, Portugal: Universidade do Minho, 2006.

VAGUITA, P. & VAGUITA, P. **Las Pequeñas Grandes Luchadoras.** Santiago, Chile: Praça de La Dignidad, 2020.

VIEIRA, C. E. (1999). **Cultura e formação humana no pensamento de Antonio Gramsci.** São Paulo: Educação e pesquisa.

Submetido em: 16-8-2021

Aceito em: 5-9-2021